

ANSIEDADE FACE À MORTE E CLIMA DE SEGURANÇA FÍSICA COMO PREDITORES DA PAIXÃO PELO TRABALHO: O EFEITO DA PERCEÇÃO DE RISCO

DEATH ANXIETY AND PHYSICAL SAFETY CLIMATE AS PREDICTORS OF PASSION FOR WORK: THE EFFECT OF RISK PERCEPTION

Gabriela Gonçalves¹, Cátia Sousa², Jaqueline Custódio³, António Sousa⁴

¹ CIP - Centro de Investigação em Psicologia, Univ. Autónoma, Lisboa / FCHS/UAlg; ggoncalves@ualg.pt; ORCID [0000-0002-9480-3239]

² CIP - Centro de Investigação em Psicologia, Univ. Autónoma, Lisboa / ESGHT/UAlg; cavsouza@ualg.pt; ORCID [0000-0001-9905-8138]

³ Universidade do Algarve; a34023@ualg.pt;

⁴ ISE /Universidade do Algarve; asousa@ualg.pt; ORCID [0000-0002-2506-1729]

Abstract

Background: As the safety of workers is one of the concerns of managers, as it represents a direct or indirect source of costs, it is important to analyze the variables that can condition the safety climate and, consequently, the risk behaviors of workers. **Objective:** This work aims to analyze the predictive effect of the relationship between death anxiety and physical safety climate on passion for work, as well as the effect of the individual attribute, risk perception. **Method:** A quantitative study (model verification) was developed using a self-response questionnaire that groups the measurement instruments of the variables that was applied to a sample of the working population (N = 206). **Results:** The model that contemplates death anxiety, risk perception and safety climate has a greater predictive effect in the sense of harmonious passion when compared to obsessive passion. **Application:** The safety of a worker should not be seen only in physical terms, but increasingly the psychosocial and personality aspects of workers must be taken into account, seeking to understand their influence on behavior in order to create healthier environments with better results. productive.

Keywords: Death Anxiety, Physical Safety Climate, Passion For Work, Risk Perception

Introdução

O trabalho desempenha um papel central no desenvolvimento, expressão e manutenção da saúde psicológica. Para além de fonte de rendimento, o trabalho promove a conexão com o mundo social, aumenta o bem-estar e fornece um meio para a satisfação e realização individual dos trabalhadores (Shang, 2022). Por outro lado, o *stress* e insatisfação causadas pelo trabalho podem trazer consequências para o trabalhador (problemas de saúde, abusos de substâncias, esgotamentos), mas também para a organização (redução da produtividade, mau ambiente de trabalho) (Blustein, 2008; Guimarães et al., 2022). A segurança de um trabalhador não se deve debruçar apenas nas medidas físicas, como o uso de equipamentos de proteção (individual ou coletiva) ou estratégias e medidas de proteção. Esta depende também de fatores como o ambiente e condições de trabalho, relação com os colegas, bem-estar e satisfação pessoal, bem como características de personalidade que influenciam a forma como o trabalhador percebe o ambiente de trabalho e a sua relação com este, cooperando na segurança dos postos de trabalho, seu e dos outros (e.g., Tanglai et al., 2022; Alves & Ramos, 2002; Bronkhorst, 2015). Adaptar equipamentos e a envolvência dos postos de trabalho ao trabalhador implica analisar as características dos três elementos do *setting* trabalhador – equipamento – ambiente. Na investigação de carácter quantitativo e transversal, aqui relatada focamo-nos em fatores individuais - ansiedade face à morte e na perceção dos trabalhadores sobre como a organização gere a segurança física (clima de segurança física). Foi objetivo avaliar em que medida estas variáveis são preditores da paixão pelo trabalho, e qual o efeito da perceção de risco nesta relação.

Ansiedade face à morte

A morte é a única certeza que temos na vida, e ainda assim continua a ser a maior causa de ansiedade. Nyatanga e os seus colegas (2006, p. 413), definiram a ansiedade face à morte como “uma emoção desagradável de preocupações multidimensionais que é de origem existencial provocada pela contemplação da própria morte, ou morte de outro”. A ansiedade face à morte é uma das preocupações cruciais da vida humana e o cerne de todos os transtornos de ansiedade (Khajoei et al., 2022). É considerada um medo básico, e pode estar associado ao desenvolvimento ou agravamento de diversas condições patológicas (Lowe & Harris, 2019). Pode afetar comportamentos e decisões que tomamos no nosso dia-a-dia (Dadfar et al., 2016) e levar a uma maior intolerância à incerteza e insegurança (Nyatanga et al., 2006). Altos níveis de ansiedade face à morte podem afetar a saúde mental tendo como consequências, depressão, neuroticismo, burnout, pensamentos suicidas (Fitri et al., 2020; Khajoei et al., 2022; Martínez-López et al., 2021), aumento do absentismo e da intenção de *turnover*, comportamentos desadequados, transtornos alimentares (Lowe & Harris, 2019), exaustão física, aumento do consumo de substâncias (como álcool e drogas) e problemas conjugais e familiares (Atmaca, 2021). Todos estes comportamentos favorecem a vulnerabilidade dos trabalhadores e podem condicionar a forma como percebem as suas atividades laborais e condições de segurança, bem como o seu comportamento e relação com o trabalho.

Clima de segurança física

A segurança é uma das maiores preocupações das organizações uma vez que é uma fonte direta e indireta de custos (Neal & Griffin, 2006). O clima de segurança é um construto coletivo que deriva das perceções partilhadas pelos trabalhadores sobre as várias formas de como a segurança é valorizada no local de trabalho (Zohar, 1980). Este pode ser visto como uma visão partilhada de valores e práticas a vários níveis (equipa, organizacional, industrial e nação) e depende de processos individuais como tomada de decisões, motivação, conhecimentos e comportamentos. O conjunto destes processos tem resultados na saúde (redução ou aumento de acidentes, lesões e bem-estar geral), mas também no desempenho do trabalhador (produtividade e inovação) (Griffin & Curcuruto, 2016). Um clima de segurança positivo aumentará a frequência dos comportamentos de segurança entre os funcionários expostos à tensão física ou psicossocial, uma vez que, os funcionários desenvolvem um conjunto de perceções e expectativas em relação às condições de trabalho e comportam-se de acordo com estas (Bronkhorst, 2015; Zohar, 1980). Por outro lado um clima de segurança negativo pode provocar stress nos trabalhadores, reduzir o bem estar físico e psicológico, aumentando a probabilidade de ocorrência de erros, distração e fadiga, deixando os trabalhadores mais vulneráveis a acidentes e lesões (Clarke, 2010).

Perceção de risco

Não existe uma definição concreta para o termo risco (Aven & Renn, 2009). Slovic, em 1998, refere que o risco não “existe por si só” é um conceito que não pode ser medido, os seres humanos inventaram o conceito de risco para ajudá-los a compreender e a lidar com os perigos e incertezas da vida. Razão pela qual falar de risco está intrinsecamente ligado ao constructo de perceção de risco. A perceção de risco está relacionada com a forma como as pessoas interpretam o nível de ameaça que esse risco acarreta. As pessoas reagem aos perigos de acordo com a sua perceção de ameaça que esse risco apresenta (Bouyer et al., 2001). Os indivíduos percebem o risco consoante a sua experiência de vida (Rippl, 2002), mas também de acordo com a sua idade, género, raça, nível de educação, crenças e valores (Areosa, 2012; Bouyer et al., 2001) e tipo de personalidade (Wilkinson, 2001).

Paixão pelo trabalho

A paixão é definida como uma forte inclinação para uma atividade que as pessoas gostam e consideram importante, e na qual investem tempo e energia (Vallerand et al., 2003). A paixão pelo trabalho proporciona

aos funcionários a perseverança e a motivação para atingir as metas de trabalho, fomentando sentimentos positivos em relação ao trabalho (Pollack et al., 2020).

Vallerand e colegas (2003) propuseram um modelo dualístico de paixão: a paixão obsessiva – os indivíduos apaixonados obsessivamente sentem-se compelidos a continuar a atividade, de tal forma que, ela acaba por controlar a pessoa e ocupa uma quantidade desproporcional da sua identidade, ao ponto de gerar conflito com as outras atividades da vida do indivíduo; e a paixão harmoniosa - associada a uma forma autónoma de internalização, os indivíduos aceitam voluntariamente uma atividade como importante para eles sem quaisquer contingências ou condições.

A paixão pode alimentar a motivação, aumentar o bem-estar e dar significado à vida quotidiana. Por outro lado, também pode despertar emoções negativas, levar à persistência inflexível e interferir na obtenção de uma vida equilibrada e bem-sucedida (Orgambídez-Ramos et al., 2014; Vallerand et al., 2003). Por este motivo a paixão pelo trabalho tanto pode prevenir sentimentos negativos provocados pela ansiedade, ou prevenir o burnout, ou por outro lado, pode acentuar sintomas como a ansiedade e incerteza, aumentando a intensão de turnover, burnout, workaholism e conflitos com outros aspetos da vida (Gonçalves et al., 2014). Em síntese, sendo a ansiedade face à morte um traço importante na saúde que pode influenciar outros transtornos de ansiedade, conduzindo ao aumento do absentismo, rotatividade no trabalho e disfunção a nível pessoal, como exaustão física, insónia, aumento de substâncias como álcool e drogas, problemas conjugais e familiares (Atmaca, 2021), espera-se observar uma relação positiva entre esta variável e a paixão obsessiva, pelas suas características mais neuróticas e obsessivas (Pollack et al., 2020). Por outro lado, indivíduos apaixonados pelo trabalho têm um comportamento mais proativo, são mais dedicados ao trabalho e às tarefas (e.g., Jung & Sohn, 2022), levando a atitudes positivas no trabalho. Sendo que o clima de segurança é considerado um conjunto de perceções partilhadas entre os funcionários de uma organização, o seu comportamento irá decorrer de acordo com estas perceções (Zohar, 1980). Uma vez que a perceção do risco é uma características individual do trabalhador (Bouyer et al., 2001; Ulleberg & Rundmo, 2003) e interfere na forma como este percebe e lida com o próprio risco, espera-se observar algum tipo de contributo na relação da ansiedade face à morte e clima de segurança física com a paixão pelo trabalho.

Perante o referido, avançamos as seguintes hipóteses:

H1: A paixão é influenciada pela ansiedade face à morte.

H2: A paixão é influenciada pelo clima de segurança física.

H3: A paixão é influenciada pela perceção de risco.

Materiais e métodos

Amostra

A amostra foi recolhida por acessibilidade a partir da população-alvo de profissionais ativos com domínio da língua portuguesa e é constituída por um total de 206 participantes, sendo que, 67.3% (n=140) são do género feminino e 31.7% (66) são do género masculino. A idade dos participantes está compreendida entre os 18 e 62 anos (M = 34.48; DP = 9.37). Relativamente ao estado civil, a maioria dos participantes são solteiros (60.1%, n=125) e possuem o ensino superior (66.8%, n=139). A atividade profissional foi categorizada segundo a classificação portuguesa das profissões (2010) elaborada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). Os resultados correspondem a 1.0% (n=29) para as forças armadas, .5% (1) a representantes do poder legislativo e órgãos executivos, 13.9% (n=29) a especialistas das atividades intelectuais e científicas, 35.1% (n=73) a técnicos e profissões de nível intermédio, 18.8% (n=39) a pessoal administrativo, 4.3% (n=9) são trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança, 1.9% (n=4) são agricultores e trabalhadores qualificados, 7.2% (n=15) diz respeito a trabalhadores qualificados da indústria, 2.4% (n=5) são operadores de instalações e máquinas e 12.5% (n=26) são trabalhadores não qualificados, 3 dos participantes (2.4%) não responderam a esta questão. Quanto a acidentes de trabalho 25 afirmam já ter tido acidentes de trabalho sem lesão, e 21 afirmam que já tiveram acidentes de trabalho com lesão. A maioria dos inquiridos (n = 123) responderam que os acidentes de trabalho que ocorrem na instituição/empresa onde trabalham ocorrem por

“falta de atenção”, seguindo-se por “falta de experiência do trabalhador” (n=52), outros motivos apontados são excesso de trabalho e de cansaço e risco associado à profissão. Quanto a acidentes de trabalho mortal na instituição/empresa o nos últimos três anos, 93.3% dos inquiridos responderam que não e 5.8 % responderam que sim.

Instrumentos

Escala Ansiedade face à morte (Cai et al., 2017), versão adaptada por Gonçalves et al. (2023), composta por 17 itens relativos à percepção e sentimentos ao pensar sobre a sua própria morte. Trata-se de um construto multidimensional, composto por quatro dimensões: disforia (itens 9, 10, 12, 14, 15) intrusão de morte (itens 1, 3, 5, 7 e 8), medo da morte (itens 11, 13, 16 e 17), evitamento da morte (itens 2, 4, 6). Os participantes deviam registar a sua resposta numa escala tipo Likert, crescente de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). A escala global apresentou um valor elevado de consistência interna, $\alpha = .94$, para cada dimensão o valor do alfa de Cronbach foi de .93 para disforia, .87 para a intrusão da morte, .91 para o medo da morte e .58 para o evitamento da morte. Nesta última dimensão, evitamento da morte, o item 2 encontra-se na dupla negativa ou que pode ter causado alguma dúvida na interpretação do sentido da pergunta

Escala Clima de segurança física (Bronkhorst, 2015 adaptado de Hall et al., 2010). Composta por 15 itens avaliados em escala tipo *Likert* de 5 valores (1 - Discordo totalmente a 5 - Concordo totalmente) divididos em 5 dimensões: 1) Prioridade ao clima de segurança física (itens 1 a 3, $\alpha = .93$); 2) Empenhamiento em relação ao clima de segurança física (itens 4 a 6, $\alpha = .94$); 3) Comunicação sobre o clima de segurança física (itens 7 a 9, $\alpha = .91$); 4) Participação na promoção de clima de segurança física (itens 10 a 12, $\alpha = .90$); e 5) Normas de grupo e comportamentos relacionados com a saúde e segurança física (itens 13 a 15, $\alpha = .89$).

Escala de Paixão (Vallerand & Houliort, 2003, adaptada para a população portuguesa por Gonçalves et al. 2014). É escala bidimensional composta por 14 itens, avaliados numa escala tipo *Likert* de 7 valores (1 - Discordo totalmente a 7 - Concordo totalmente): a medida de paixão harmoniosa (itens de 1 a 7, $\alpha = .91$) que está relacionada com resultados positivos como satisfação no trabalho (e.g., item 1: “Esta atividade permite-me viver uma variedade de experiências”); a paixão obsessiva é medida pelos itens de 8 a 14 ($\alpha = .93$) (e.g., item 8: “não consigo viver sem esta atividade ...”) e diz respeito a comportamentos de compulsão para o trabalho.

Percepção de risco (Risk Perception, Moen, 2007; Ulleberg & Rundmo, 2003). É uma escala unidimensional composta por 2 elementos de avaliação: o primeiro avalia a percepção da probabilidade de um trabalhador se ver envolvido num acidente de trabalho, com resposta em escala tipo Likert de 1 a 5, onde 1 “nada provável” e 5 “totalmente provável”; e um segundo elemento de 5 itens onde é avaliada a preocupação e o receio (1 corresponde a “Nada” e 5 corresponde a “Muito”). Uma pontuação mínima equivale a uma menor preocupação de medo de vir a ter acidentes de trabalho. Para este parâmetro foi obtido um valor de alfa de Cronbach de $\alpha = .88$.

Procedimentos

Os questionários ficaram disponíveis para resposta durante os meses de abril, maio, junho e julho, com recurso ao instrumento em suporte digital (EU Survey) e através de redes sociais como o “Facebook” “Linkedin” e “Instagram”, em alternativa, em formato de papel. Antes do preenchimento, os respondentes foram informados do carácter anónimo e confidencial dos dados a recolher. De salientar que, os inquiridos foram informados que a participação era voluntária, anónima e que não existia qualquer recompensa, monetária ou de outro cariz, à participação.

Análise de dados

Os dados recolhidos foram analisados através de um software estatístico IBM SPSS (Statistical Package for Social Sciences, versão 28).

Resultados e Discussão

Estatística descritiva

Na tabela 1 é possível observar as médias, desvios-padrão e correlações das variáveis em estudo. A paixão harmoniosa apresenta uma média ($M = 4.55$, $DP = 1.4$) significativamente superior à paixão obsessiva ($M = 2.7$, $DP = 1.4$) ($t(205) = 23.61$, $p < .001$). A ansiedade face à morte apresenta uma média baixa ($M = 2.04$, $DP = 1.11$). As variáveis clima de segurança física e percepção de risco, variaram entre $M = 3.19$ e $M = 3.54$.

Tabela 1. Médias e desvios-padrão das variáveis em estudo

Variável	M	DP
1. Paixão harmoniosa	4.55	1.23
2. Paixão obsessiva	2.68	1.43
3. Ansiedade face à morte	2.04	1.11
4. Clima de segurança física	3.19	1.06
5. Percepção de risco	3.54	1.56

Análises de regressão

Relativamente à paixão obsessiva, observa-se que o modelo 3 (Tabela 2), com ansiedade, percepção de risco e clima de segurança é aquele que apresenta maior poder preditivo sobre a paixão obsessiva, cerca de 17%. Para este modelo contribuem de forma estatisticamente significativa as variáveis ansiedade ($\beta = .181$, $p = .009$) e clima de segurança ($\beta = .331$, $p < .001$). No que toca à paixão harmoniosa, observa-se que apenas o modelo 3, se apresenta como estatisticamente significativo, explicando cerca de 19.1% da paixão harmoniosa, e para o qual apenas contribui de forma estatisticamente significativa a variável clima de segurança ($\beta = .417$, $p < .001$).

Tabela 2. Regressão hierárquica para a predição da paixão (modelos de regressão - preocupação e receio)

Modelos	Paixão obsessiva			Paixão Harmoniosa		
	R^2	t	p	R^2	t	p
1. Ansiedade	.039	2.88	.004	.001	.327	.774
2. Ansiedade + percepção de risco	.062	2.22	.027	.020	1.98	.134
3. Ansiedade + percepção de risco + clima segurança	.170	5.12	$\leq .001$.191	6.55	$\leq .001$

De acordo com os resultados obtidos através da regressão linear, o clima de segurança é o único que apresenta maior valor preditivo. Pelo que, apesar das variáveis individuais afetarem variáveis como percepção de risco (e.g., Bouyer et al., 2001), comportamentos de risco (e.g., Man et al., 2017), tomadas de decisão de risco (e.g., Bhandari & Hallowell, 2022), etc. e estas afetaram as atitudes face ao trabalho (e.g., paixão, comprometimento, Rampazzo et al., 2018) a percepção que os indivíduos têm sobre a atenção que as empresas dedicam à segurança é imprescindível. Em suma, uma percepção positiva do ambiente de trabalho, um empenhamento e dedicação do funcionário ao trabalho, resultará no cumprimento dos procedimentos de segurança o que contribui para uma percepção positiva do clima de segurança.

Limitações

Ao analisar os resultados deste estudo deparámo-nos com algumas limitações, como por exemplo o tamanho da amostra. Aumentar a amostra e diversificá-la a nível nacional, uma vez que a recolha desta amostra seguiu uma metodologia de bola de neve, restringido-se mais à zona do Algarve, seria interessante para observar possíveis diferenças regionais e culturais, já que a ansiedade face à morte e o clima de segurança estão relacionados com fatores culturais (Arooj et al., 2022; Cicirelli, 2002). A maioria dos resultados obtidos pertencem ao género feminino, seria pertinente obter uma amostra mais homogénea, uma vez que estudos anteriores mostraram um traço de ansiedade mais alto para o género feminino (e.g., Fitri et al., 2020; Martínez-López et al., 2021) diferença esta também verificada para o clima de segurança e aceitação de risco (AlMousa et al., 2022).

Conclusões

A segurança de um trabalhador não deve ser vista apenas em termos físicos, mas cada vez mais deve-se ter em conta os aspetos psicossociais e de personalidade dos trabalhadores. Um trabalhador realizado com o trabalho tende a ser mais produtivo e com resultados mais satisfatórios, quer para a entidade empregadora, quer para os restantes aspetos da vida do trabalhador (relações familiares, vida social) (Sarwar et al., 2021). É certo que os postos de trabalho devem estar adaptados aos trabalhadores, mas os trabalhadores são características físicas, demográficas, psicológicas e sociais pelo que é fundamental analisar o trabalhador no seu todo para melhor adequar os postos de trabalho aos indivíduos. Por outro lado, é imprescindível a cooperação do trabalhador para a segurança no trabalho. Razão pela qual, nas últimas décadas a análise dos fatores individuais têm sido objetivos centrais na investigação em segurança e saúde ocupacional [e.g., assunção de riscos, procura de sensações, comportamentos inseguros (e.g., Malakoutikhah et al., 2021; Tanglai et al., 2022)]. Por estes motivos deve-se continuar a evoluir no conhecimento das características individuais e de personalidade dos trabalhadores, procurando compreender de que forma esta influencia o comportamento destes em questões de segurança no trabalho, de forma a criar ambientes mais adaptados aos trabalhadores, saudáveis e com resultados mais produtivos.

Agradecimentos e financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia – como parte do projeto CIP/UAL - Ref^o UID/PSI/04345/2020.

Referências

- AlMousa, N., Althabet, N., AlSultan, S., Albagmi, F., AlNujaidi, H., & Salama, K. F. (2022). Occupational safety climate and hazards in the industrial sector: gender differences perspective, Saudi Arabia. *Frontiers in Public Health*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.873498>
- Alves, C., & Ramos, M. da C. (2002). Saúde e segurança no trabalho Qualidade e determinantes da sua divulgação no relato de sustentabilidade. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 62(5). <https://doi.org/10.1590/S0034-759020220503>
- Areosa, J. (2012). International journal on working conditions A importância das perceções de riscos dos trabalhadores [The importance of workers risk perceptions]. *International Journal on Working Conditions*, 3, 55–64. <http://ricot.com.pt><http://ricot.com.pt>
- Atmaca, Ç. (2021). A Comparative Study of Death Anxiety Levels and Reflections among University Students. *Spiritual Psychology and Counseling*, 6(3), 109–131. <https://doi.org/10.37898/spc.2021.6.3.156>
- Aven, T., & Renn, O. (2009). On risk defined as an event where the outcome is uncertain. *Journal of Risk Research*, 12(1), 1–11. <https://doi.org/10.1080/13669870802488883>
- Bhandari, S., & Hollowell, M. R. (2022). Influence of safety climate on risk tolerance and risk-taking behavior: A cross-cultural examination. *Safety Science*, 146. <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2021.105559>
- Blustein, D. L. (2008). The role of work in psychological health and well-being: A conceptual, historical, and public policy perspective. *American Psychologist*, 63(4), 228–240. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.63.4.228>

- Bouyer, M., Bagdassarian, S., Chaabanne, S., & Mullet, E. (2001). Personality correlates of risk perception. *Risk Analysis*, 21(3), 457–465. <https://doi.org/10.1111/0272-4332.213125>
- Bronkhorst, B. (2015). Behaving safely under pressure: The effects of job demands, resources, and safety climate on employee physical and psychosocial safety behavior. *Journal of Safety Research*, 55, 63–72. <https://doi.org/10.1016/j.jsr.2015.09.002>
- Clarke, S. (2010). An integrative model of safety climate: Linking psychological climate and work attitudes to individual safety outcomes using meta-analysis. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 83(3), 553–578. <https://doi.org/10.1348/096317909X452122>
- Dadfar, M., Lester, D., & Bahrami, F. (2016). Death Anxiety, Reliability, Validity, and Factorial Structure of the Farsi Form of the Arabic Scale of Death Anxiety in Iranian Old-Aged Persons. *Journal of Aging Research*, 52, 1–7. <https://doi.org/10.1155/2016/2906857>
- Fitri, R. A., Asih, S. R., & Takwin, B. (2020). Social curiosity as a way to overcome death anxiety: perspective of terror management theory. *Heliyon*, 6(3). <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2020.e03556>
- Gonçalves, G., AL-Dossary, S. A., & Sousa, C. (2023). Measurement invariance and country difference in death anxiety: Evidence from Portuguese and Arabic samples. *Current Psychology* (in press).
- Gonçalves, G., Orgambidez-Ramos, A., Ferrão, M. C., & Parreira, T. (2014). Adaptation and initial validation of the passion scale in a portuguese sample. *Escritos de Psicología / Psychological Writings*, 7(2), 19–27. <https://doi.org/10.5231/psy.writ.2014.2503>
- Griffin, M. A., & Curcuruto, M. (2016). Safety climate in organizations. *Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior*, 3(1), 191–212. <https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-041015-062414>
- Guimarães, Z., Pitta, A., & Maia, H. (2022). Prazer e sofrimento no trabalho da equipe de enfermagem no hospital. *Revista Científica de Enfermagem*, 12(38), 42–50. <https://doi.org/10.24276/rrecien2022.12>
- Hall, G. B., Dollard, M. F., & Coward, J. (2010). Psychosocial safety climate: Development of the PSC-12. *International Journal of Stress Management*, 17(4), 353–383. <https://doi.org/10.1037/a0021320>
- Jung, Y., & Sohn, Y. W. (2022). Does work passion benefit or hinder employee's career commitment? The mediating role of work–family interface and the moderating role of autonomy support. *PLoS ONE*, 17(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0269298>
- Khajoei, R., Dehghan, M., Heydarpour, N., Mazallahi, M., Shokohian, S., & Azizzadeh Forouzi, M. (2022). Comparison of death anxiety, death obsession, and humor in nurses and medical emergency personnel in covid-19 pandemic. *Journal of Emergency Nursing*, 48(5), 559–570. <https://doi.org/10.1016/j.jen.2022.02.004>
- Lowe, J., & Harris, L. M. (2019). A comparison of death anxiety, intolerance of uncertainty and self-esteem as predictors of social anxiety symptoms. *Behaviour Change*, 36(3), 165–179. <https://doi.org/10.1017/bec.2019.11>
- Malakoutikhah, M., Jahangiri, M., Alimohammadlou, M., Faghihi, S. A., & Kamalinia, M., (2021). The factors affecting unsafe behaviors of iranian workers: A qualitative study based on grounded theory. *Safety and Health at Work*, 12, 339–345. <https://doi.org/10.1016/j.shaw.2021.04.005>
- Man, S. S., Chan, A. H. S., & Wong, H. M. (2017). Risk-taking behaviors of Hong Kong construction workers – A thematic study. *Safety Science*, 98, 25–36. <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2017.05.004>
- Martínez-López, J. Á., Lázaro-Pérez, C., & Gómez-Galán, J. (2021). Death anxiety in social workers as a consequence of the COVID-19 pandemic. *Behavioral Sciences*, 11(5). <https://doi.org/10.3390/bs11050061>
- Moen, B. E. (2007). Determinants of safety priorities in transport - The effect of personality, worry, optimism, attitudes and willingness to pay. *Safety Science*, 45(8), 848–863. <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2006.08.020>
- Neal, A., & Griffin, M. A. (2006). A study of the lagged relationships among safety climate, safety motivation, safety behavior, and accidents at the individual and group levels. *Journal of Applied Psychology*, 91(4), 946–953. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.91.4.946>
- Nyatanga, B., de Vocht, H., & Nyatanga Is Macmillan, B. (2006). Towards a definition of death anxiety. *International Journal of Palliative Nursing*, 12(9), 410–413. <https://doi.org/10.12968/ijpn.2006.12.9.21868>
- Orgambidez-Ramos, A., Borrego-Alés, Y., & Gonçalves, G. (2014). Passionate workers: A Spanish adaptation of the Passion Scale. *Revista de Psicología Del Trabajo y de Las Organizaciones*, 30(2), 43–48. <https://doi.org/10.1016/j.rpto.2014.06.005>
- Pollack, J. M., Ho, V. T., O'Boyle, E. H., & Kirkman, B. L. (2020). Passion at work: A meta-analysis of individual work outcomes. *Journal of Organizational Behavior*, 41(4), 311–331. <https://doi.org/10.1002/job.2434>

- Rampazzo, N. L., Raboni, P. L., & Mello, P. R. C. B. de. (2018). The meaning of work at the creative industry: a study about the porto digital in Recife (Brazil). *Revista Capital Científico - Eletrônica*, 16(3). <https://doi.org/10.5935/2177-4153.20180023>
- Rippl, S. (2002). Cultural theory and risk perception: A proposal for a better measurement. *Journal of Risk Research*, 5(2), 147–165. <https://doi.org/10.1080/13669870110042598>
- Sarwar, F., Panatik, S. A., Sukor, M. S. M., & Rusbadol, N. (2021). A job demand–resource model of satisfaction with work–family balance among academic faculty: mediating roles of psychological capital, work-to-family conflict, and enrichment. *SAGE Open*, 11(2). <https://doi.org/10.1177/21582440211006142>
- Shang, W. (2022). The Effects of Job Crafting on Job Performance among Ideological and Political Education Teachers: The Mediating Role of Work Meaning and Work Engagement. *Sustainability*, 14(8820). <https://doi.org/10.3390/su14148820>
- Slovic, P. (1987). Perception of Risk. *Science*, Vol 236, 236(4), 280–285. <https://doi.org/10.1126/science.3563507>
- Tanglai, W., Chen, C.-F., Rattanapan, C., Laosee, O. (2022). The effects of personality and attitude on risky driving behavior among public van drivers: Hierarchical modeling. *Safety and Health at Work*, 13, 187-191. <https://doi.org/10.1016/j.shaw.2022.03.005>
- Ulleberg, P. P., & Rundmo, T. (2003). Personality, attitudes and risk perception as predictors of risky driving behaviour among young drivers. *Safety Science*, 41(5), 427–443. www.elsevier.com/locate/ssci
- Vallerand, R. J., & Houliort, N. (2003). Passion at Work: Toward a New Conceptualization. In S. W. Gilliland, D. D. Steiner, & D. P. Skarlicki (Eds.), *Emerging Perspective on Values in Organizations* (pp. 175-204). Information Age Publishing.
- Vallerand, R. J., Mageau, G. A., Ratelle, C., Léonard, M., Blanchard, C., Koestner, R., Gagné, M., & Marsolais, J. (2003). Les Passions de l'Âme: On Obsessive and Harmonious Passion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(4), 756–767. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.4.756>
- Wilkinson, I. (2001). Social theories of risk perception: At once indispensable and insufficient. *Current Sociology*, 49(1), 1–22. <https://doi.org/10.1177/001139210104900>
- Zohar, D. (1980). Safety climate in industrial organizations: Theoretical and applied implications. *Journal of Applied Psychology*, 65(1), 96–102. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.65.1.96>